

Rosika Schwimmer

Feminismo e Pacifismo

Coordenação e edição: Ana Teresa Alves (FCSH-UAc)

Autor: Ana Paula Pires (FCSH-UAc)

Rosika Schwimmer nasceu em Budapeste numa família judia, em 1877. Foi uma feminista, defensora do direito de voto das mulheres, e comprometida com a aplicação de uma agenda pacifista a uma Europa que então vivia mergulhada em tensão e discórdia. A 28 de Junho de 1914 o herdeiro do trono austro-húngaro tinha sido assassinado em Sarajevo, acontecimento que acabaria por estar na origem da guerra de 1914-1918, e Rosika foi uma das primeiras a perceber a rapidez com que um conflito localizado nos Balcãs se poderia alastrar a toda a Europa.



FOTOGRAFIA DE ROSIKA SCHWIMMER

Organizou uma grande manifestação, em Londres, que reuniu cerca de duas mil mulheres, no dia 4 de Agosto de 1914, e redigiu uma carta aberta que endereçou a todos, homens e mulheres, pedindo-lhes que se unissem impedindo assim que a guerra que se tinha iniciado na região dos Balcãs se transformasse num conflito mundial.

As ações que levou a cabo foram essenciais na organização dos primeiros comícios e manifestações antiguerra, tanto na Europa como nos Estados Unidos América, e estiveram na origem das primeiras tentativas de criação de um projeto de governo mundial, que defendia a constituição de uma federação de nações, guiadas por ideais pacifistas. Entendeu que as mulheres não deveriam desempenhar qualquer função de apoio ao esforço de guerra; não deviam ser enfermeiras, envolver-se em atividades de ajuda humanitária ou procurar

empregos em fábricas. O seu empenho deveria ser lutar pela paz, como diplomatas, mediadoras ou políticas, rompendo com o que na época foi considerado socialmente aceitável. As sufragistas entendiam o esforço patriótico associado à guerra como uma oportunidade para conquistarem o direito de voto, por isso, rapidamente, se demarcaram da agenda pacifista de Schwimmer. Logo no final de Agosto de 1914 a imprensa britânica considerou-a "socialista e simpatizante com o inimigo", apesar de sempre ter mostrado a sua aversão pelo comunismo, anarquismo e socialismo.

Acabou por viajar para os Estados Unidos da América onde foi recebida com rejeição; foi vítima de antisemitismo devido à sua ascendência judia, o que levou a que vários grupos pacifistas e feministas a abandonassem. Não conseguiu encontrar trabalho e passou a depender, financeiramente, da sua irmã. Todo este clima de tensão que a rodeava acabou por se refletir no falhanço que envolveu o seu pedido para obter a cidadania norte-americana. Schwimmer acabou por se tornar refugiada apátrida até à data da sua morte, em 1948.

Em 1948, foi nomeada para o Prémio Nobel da Paz, mas morreu, nesse mesmo ano, em Nova Iorque, aos 71 anos, vítima de pneumonia, antes de o vencedor ser conhecido. Algumas das causas que abraçou ao longo da vida, como a paz e a não discriminação em função do género, continuam no centro do modelo social europeu.

É a tua vez

1. Procura na internet mais informações sobre Rosika Schwimmer;
2. Procura o significado das palavras sufragista, pacifista e apátrida;
3. Faz uma lista de sufragistas e pacifistas que tenham nascido no arquipélago dos Açores;
4. Faz um pequeno texto sobre o que significa ser pacifista nos dias de hoje.



Leituras

Para saberes mais sobre a luta pela paz e a conquista do direito de voto pelas mulheres, sugerimos a leitura de *Mulheres sem Medo*. 150 anos de combate pela liberdade, igualdade, sororidade, de Marta Breen e Jenny Jordhal.

